

1 Introdução

Ninguém quer morrer. Mesmo as pessoas que querem ir para o céu não querem morrer para chegar lá. Ainda assim, a morte é o destino que todos nós compartilhamos. Ninguém nunca conseguiu escapar dele. E é assim que deve ser, porque a morte é muito provavelmente a principal invenção da vida. É o agente de mudança da vida. Ela limpa o velho para abrir caminho para o novo. Nesse momento, o novo é você. Mas algum dia, não muito distante, você gradualmente se tornará um velho e será varrido. Desculpa ser tão dramático, mas esta é a verdade.¹

Steve Jobs

Nos últimos 20 anos, o mundo vem passando por transformações a olhos vistos. Essas transformações ficam evidentes se pensarmos que termos hoje corriqueiros, tais como *email*, *site*, *deletar*, *formatar*, *hardware*, *software*, *GPS*, *spam*, *celular*, *SMS*, *add*, *comunidade*, *rede social*, simplesmente não existiam ou tinham outro sentido 25 anos atrás. Todos esses termos são derivados de mudanças favorecidas pelo uso das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), sendo as principais delas os telefones celulares e a Internet.

Grande parte das transformações ocorridas nos últimos anos é decorrente da difusão da Internet, que será o objeto de estudo do presente trabalho. Embora seu surgimento date do final da década de 1960, foi na década de 1990 que a Rede teve seu *boom*, popularizando-se em todo o mundo. Essa diferença de 30 anos entre o surgimento e a popularização se deve principalmente à finalidade que a Rede tinha antes, e a que veio a ganhar posteriormente. Inicialmente a Internet, que ainda não tinha esse nome, servia somente para a troca de informações militares sigilosas, durante o tempo da Guerra Fria. Na década de 1980, além do uso militar surgiu também um uso acadêmico para a Internet. Isso porque a Rede

¹ “No one wants to die, even people who want to go to Heaven don't want to die to get there. And yet, death is the destination we all share. No one has ever escaped it. And that is as it should be, because death is very likely the single best invention of life. It's life's change agent; it clears out the old to make way for the new. Right now, the new is you. But someday, not too long from now, you will gradually become the old and be cleared away. Sorry to be so dramatic, but it's quite true” (Tradução minha).

passou a conectar laboratórios das universidades norte-americanas entre si. Aos poucos estes laboratórios passaram a se interligar também com universidades e outras instituições por todo o mundo, ampliando consideravelmente a abrangência da Internet. Apenas no início da década de 1990 surge a *World Wide Web*, uma interface gráfica e, com ela, os navegadores (ou *browsers*), que permitiam que o usuário comum, sem conhecimentos técnicos, pudesse estar na Internet. No Brasil, a chegada da Internet comercial se deu no ano de 1995. A partir de então, qualquer brasileiro podia conectar-se à Rede e participar da revolução que acontecia ao redor do mundo.

Conforme o uso da Internet se difundia, as pessoas descobriam coisas que podiam fazer *online*. Nos *chats*, podiam fazer novos amigos independentemente da distância geográfica que pudesse haver. Nos *sites* de notícias, podiam estar a par dos últimos acontecimentos de qualquer país. Nos *emails*, podiam enviar e receber informações com agilidade. Ao longo do tempo, a Internet entrava na vida cotidiana e, aos poucos, dissolviam-se as rígidas fronteiras que havia entre “real” e “virtual”, que passaram a se interpenetrar. Seu uso modificou, entre tantas outras coisas, a maneira como buscamos informações, ouvimos músicas, conversamos, compramos, circulamos nas cidades, isso se quisermos citar apenas algumas das mudanças ocorridas.

O crescimento do uso da Rede, no entanto, não foi encarado por todos como algo que viria apenas a facilitar a vida cotidiana. Isso porque novas tecnologias, por serem desconhecidas, frequentemente geram temores relativos ao que elas podem gerar. Assim como o surgimento do rádio ou da televisão provocou esse tipo de reação, a difusão da Internet também gerou preocupações com os possíveis males que seu uso poderia causar às pessoas em geral. Este temor foi difundido pela mídia nacional e internacional, que divulgava informações sobre os supostos prejuízos que a Rede poderia causar, tais como comportamentos patológicos, isolamento, depressão, invasões de privacidade e outros (Nicolaci-da-Costa, 2003 e 2002). Conforme o tempo passava e a Internet deixava de ser uma novidade, todo o alarmismo diminuiu consideravelmente e a Rede deixou de gerar, em muitos, o pavor do início. A Internet passou a ser vista com outros olhos também graças a estudos de pesquisadores que viam a Rede como algo apenas novo, mas não necessariamente maléfico como alguns apontavam no início.

A revolução provocada pelo uso da Internet não foi um acontecimento pontual, que se restringiu a apenas alguns anos, mas foi algo que desencadeou transformações que continuam ocorrendo até os dias de hoje. Por esta razão, novos ambientes e novas ferramentas vêm surgindo incessantemente nos últimos tempos. Dentre estes novos ambientes, estão os *sites* de redes sociais, como o Orkut, o Facebook e o MySpace, todos criados nos últimos dez anos. Estes *sites* possibilitam que seus usuários, a partir da criação de um “perfil”, criem redes de relações e se comuniquem uns com os outros, compartilhem fotografias, participem de grupos de pessoas com interesses comuns etc. Tais ambientes se tornaram extremamente populares, principalmente entre o público jovem. Para se ter ideia, estima-se que, em todo o mundo, 96% das pessoas com idades entre 10 e 30 anos estejam em algum *site* de redes sociais. O Facebook, *site* do gênero mais frequentado do mundo, conta hoje com mais de 500 milhões de usuários. No ano de 2010, o Facebook pela primeira vez ultrapassou o Google como *site* mais acessado, sendo que o mecanismo de busca estava no topo dos *sites* mais visitados desde 2007. O sucesso dos *sites* de redes sociais é tanto que estima-se que 80% das companhias americanas os utilizem como meio de recrutar funcionários²

O público brasileiro também aderiu maciçamente aos *sites* de redes sociais. Dos aproximadamente 70 milhões de brasileiros que acessam a Internet, 79% fazem parte de redes sociais *online*. Embora os brasileiros usem a Internet principalmente para recorrer a mecanismos de busca, o uso das redes sociais no Brasil é a segunda principal razão de acesso. Os ambientes de redes sociais, portanto, já são mais utilizados que os *emails*, ocupando cerca de 60% do tempo online³.

Entre os *sites* de redes sociais disponíveis, o Orkut é aquele que tem maior popularidade entre o público jovem brasileiro. Criado em 2004, o Orkut rapidamente conquistou os brasileiros, que logo se tornaram a maior nacionalidade a fazer parte do *site*. Em 2006, era difícil encontrar um jovem que não participasse do Orkut. Toda essa “febre” fez com que eu me interessasse por

² Dados do *site* “Os números da Internet” (<http://www.osnumerodainternet.com.br/category/redes-sociais>), da Veja (<http://veja.abril.com.br/noticia/vida-digital/facebook-atinge-500-milhoes-de-usuarios-no-planeta>) e dos vídeos “Social Media Revolution 2” (<http://www.youtube.com/watch?v=2H-ZwTgCl9g>) e “State of Internet 2010” (<http://www.youtube.com/watch?v=RpAW0yRaKws>), todos acessados em 27 de janeiro de 2010.

³ Dados do vídeo “RedesSociais.br” (<http://www.youtube.com/watch?v=DmRsQibIOWg>).

pesquisá-lo. Isso porque eu percebia que se tratava de um ambiente extremamente rico no que concerne às relações humanas. Observei que, no Orkut, as pessoas faziam amizades, mantinham contato com pessoas conhecidas, reencontravam amigos do passado, paqueravam, brigavam, faziam declarações de amor... O Orkut era, então, uma espécie de palco onde se desenrolava uma parte significativa da vida de muitas pessoas. Por este motivo, decidi estudar este ambiente tão vasto. Justamente por ser amplo demais, seria necessário definir um foco, dentro do próprio Orkut, onde concentraria meus estudos.

Investigando o Orkut mais a fundo, descobri que os usuários haviam criado um uso certamente diferente daquele idealizado por seus desenvolvedores. Muitas pessoas estavam usando o *site* não apenas para enviar mensagens para os perfis de seus amigos que, evidentemente, estão vivos, mas também para o de outros que haviam falecido. Assim sendo, embora a pessoa estivesse morta, seu perfil permanecia “vivo” e ativo, recebendo muitas mensagens. Estas mensagens eram escritas não apenas por amigos, mas também por familiares daqueles que tinham falecido. Eram, portanto, pessoas enlutadas, que estavam no Orkut “conversando” com mortos. Diante deste fenômeno tão surpreendente, muitas perguntas me vieram à mente: por que todas essas pessoas estavam escrevendo mensagens deste tipo? O que exatamente elas queriam ao escrevê-las? O que sentiam ao fazer isso? Deixar mensagens modificaria, de alguma maneira, o luto dessas pessoas? Todas essas perguntas me levaram a decidir investigar a fundo o que acontecia. Como apenas um estudo não seria capaz de fornecer tantas respostas, optei por restringir meu objetivo a responder a pergunta: *por que pessoas em luto enviam mensagens para perfis de pessoas mortas no Orkut?*

Por se tratar de um fenômeno novo, associado a uma série de novos comportamentos, pensei que entendê-lo somente a partir de referenciais anteriores ao surgimento da Internet seria uma tarefa complexa e que possivelmente resultaria em interpretações distorcidas da realidade. Considerei fundamental, portanto, fazer, além de um detalhado levantamento bibliográfico, uma pesquisa qualitativa na qual pude perceber o ponto de vista daqueles que escrevem mensagens como as mencionadas. O resultado de todo este estudo está dividido nos 7 capítulos desta tese, que incluem a presente introdução. Para orientar o leitor sobre o que foi realizado, apresentarei brevemente os capítulos seguintes.

No capítulo 2, intitulado “*A Sociedade diante da morte*”, me dediquei a estudar a morte do ponto de vista social. Nele, reviso uma série de estudos que mostram como as percepções que temos sobre a realidade são diretamente influenciadas pelos valores da sociedade na qual estamos inseridos. Entre essas influências, estão aquelas referentes a como reagimos e o que sentimos quando uma pessoa falece. Neste capítulo, apresento ainda as concepções de morte e os comportamentos relativos a ela ao longo da história do ocidente.

No terceiro capítulo, “*O mundo interno diante da morte: a elaboração do luto*”, examino a morte do ponto de vista psicológico. Neste capítulo, apresento as ideias de diferentes autores acerca do processo de elaboração do luto. Descrevo, então, as diferentes etapas atravessadas pelo enlutado até que se possa considerar o luto elaborado, assim como fatores que podem vir a complicar este processo.

O capítulo 4, “*Novas tecnologias gerando uma nova realidade*”, é dedicado a apresentar em detalhes as transformações proporcionadas pelo uso da Internet. Entre tais transformações estão aquelas relativas ao modo como nos relacionamos uns com os outros atualmente, especialmente a partir do advento dos *sites* de redes sociais. Neste capítulo apresento de maneira minuciosa o fenômeno estudado, a saber, o de se escrever mensagens, no Orkut, para pessoas que estão mortas.

Concluída a revisão bibliográfica, chegamos ao quinto capítulo, “*Pesquisa de campo*”, no qual apresento os objetivos da pesquisa qualitativa realizada, assim como cada uma das etapas da metodologia utilizada. No capítulo seguinte, “*O uso do Orkut por pessoas enlutadas*”, são apresentados os participantes da pesquisa e os principais resultados obtidos após a análise das entrevistas realizadas.

Finalmente, no sétimo e último capítulo procurei integrar tudo o que foi visto neste estudo. Para tal, os resultados da pesquisa são discutidos e relacionados ao conteúdo teórico apresentado anteriormente.